

# METAFÍSICA DE ARISTÓTELES LIVRO V (DELTA), 18-30

Lucas Angioni

Universidade Estadual de Campinas\*

## Tradução

### Capítulo 18

[1022a14] “*Aquilo pelo que*” [*kath’ hō*] se diz de muitos modos – de um modo, a forma e a essência de cada coisa; por exemplo: *aquilo pelo que é bom é o próprio bem*. De outro modo, assim se denomina o item primeiro em que algo naturalmente vem a ser, tal como a cor na superfície.

[1022a17] É a forma que se denomina *aquilo pelo que* em primeiro lugar; em segundo lugar, a matéria de cada coisa e aquilo que primeiramente subjaz a cada coisa.

[1022a19] Em suma, “aquilo pelo que” pode ocorrer de tantos modos como “causa”: se diz “por que veio?” ou “em vista de que veio?”; também se diz “devido a que se produziu paralogismo ou silogismo?”, ou “qual foi a causa do silogismo ou do paralogismo?”.

[1022a22] Além disso, se diz “*em que*” [*kath’ hō*] segundo a posição: “em que [*sc.* onde] parou”, ou “em que [*sc.* por onde] caminha”: todos esses casos indicam lugar e posição.

[1022a24] Por conseguinte, também “*por si mesmo*” necessariamente se diz de muitos modos. Aquilo que o ser é para cada coisa se diz *por si mesmo*, por exemplo, Cálías, por si mesmo, é Cálías e aquilo que o ser é para Cálías. De outro modo, as coisas que estão presentes no “o que é” – por exemplo, Cálías é, por si mesmo, animal, pois o animal está contido em sua definição (pois Cálías é certo animal).

[1022a29] Além disso, [se diz “por si mesmo”] se é primeiramente em tal e tal coisa (ou em alguma de suas partes) que algo se encontra – por

---

\* O texto de base é geralmente o de Ross, mas às vezes preferi outra lição. Nos comentários (publicados junto com a tradução), as escolhas estão devidamente discutidas. Esta tradução se beneficiou muito de discussões prévias com vários colegas e pesquisadores, aos quais agradeço pelas várias sugestões e críticas: Michel Crubellier, Breno Zuppolini, João Hobuss, Fernando Martins Mendonça, Rogério de Campos, Guilherme da Costa Assunção Cecilio.

exemplo, a superfície, por si mesma, é branca, e o ser humano, por si mesmo, vive (é que a alma, na qual primeiramente reside o viver, é uma parte do ser humano).

[1022a32] Além disso, [se diz *por si mesmo*] aquilo cuja causa não é uma outra coisa: do ser humano, há várias causas (o animal, o bípede), mas é por si mesmo que o ser humano é ser humano.

[1022a35] Além disso, aquilo que se atribui apenas a uma única coisa ou enquanto é única, porque separada, se diz *por si mesmo*.

### Capítulo 19

[1022b 1] Denomina-se *disposição* a ordenação daquilo que possui partes – pelo lugar, pela capacidade, ou pela forma. De fato, deve haver alguma posição, como inclusive mostra o nome “disposição”.

### Capítulo 20

[1022b 4] Denomina-se *ter* [*hexis*], por um lado, como que certa atividade da coisa que tem e da que é tida, como se fosse certa ação ou movimento (de fato, quando uma coisa produz e a outra é produzida, há, no meio, a produção; do mesmo modo, entre aquele que veste a roupa e a roupa assim vestida, há o vestir [*hexis*]). Evidentemente, não é possível ter esse ter (pois se iria ao infinito, se fosse possível ter o ter da coisa que é tida).

[1022b 10] Por outro lado, denomina-se *condição* [*hexis*] a disposição pela qual a coisa disposta se dispõe bem ou mal, ou em si mesma, ou em relação a outra; por exemplo, a saúde é uma condição, pois é uma disposição desse tipo. Além disso, algo se denomina *condição*, se for uma parcela desse tipo de disposição. Por isso, também a excelência das partes é uma condição.

### Capítulo 21

[1022b 15] Denomina-se *afeção*, de um modo, uma qualidade segundo a qual é possível se alterar, por exemplo, o branco e o negro, o doce e o amargo, o peso e a leveza, bem como as demais desse tipo. De outro modo, as efetivações e alterações dessas coisas também se denominam *afeções*. Além disso, mais do que essas, denominam-se *afeções* as alterações e os movimentos nocivos, sobretudo os danos dolorosos. Além disso, denominam-se *afeções* infelicitiosos e coisas dolorosas de grande monta.

### Capítulo 22

[1022b 22] Fala-se de *privação*, de um modo, quando a coisa não tem algo que naturalmente se tem, mesmo quando a coisa em questão não for naturalmente apta a tê-lo; por exemplo, se diz que uma planta é privada de

olhos. De outro modo, fala-se de *privação* quando a coisa não tem certo item, mas ela mesma (ou seu gênero) é naturalmente apta a tê-lo; por exemplo: um ser humano cego e uma toupeira são privados de visão, mas de modos distintos (o primeiro, por si mesmo, a segunda, pelo gênero).

[1022b 27] Além disso, fala-se de *privação* quando a coisa, sendo naturalmente apta a possuir certo item, não o possui no momento em que é naturalmente apta a possuí-lo. De fato, a cegueira é uma privação, mas algo não é cego em qualquer idade, mas se não tiver [*sc.* visão] na idade em que é naturalmente apto a tê-la. Semelhantemente, fala-se de *privação* se uma coisa não possui certo item naquilo em que é naturalmente apto a possuí-lo, ou conforme aquilo em que o é, ou em relação àquilo em que o é, ou do modo em que o é.

[1022b 31] Além disso, denomina-se *privação* a subtração violenta de uma coisa.

[1022b 32] Também se fala de *privação* de tantos modos pelos quais se dizem as negações pelo “a” (“*alpha*”). De fato, algo se denomina *desigual* (*anison*) por não ter igualdade, sendo naturalmente apto a tê-la; *invisível* (*a-oraton*), por não ter, em geral, cor, ou por tê-la de modo medíocre; *ápode* (*a-poun*), por não ter, em geral, pés, ou por ter pés medíocres. Além disso, por ter algo pequeno (como o “sem-polpa”), isto é, por ter algo de modo medíocre.

[1023a 2] Além disso, por não sofrer algo facilmente ou do modo adequado; por exemplo: algo se denomina *incortável* não apenas por não poder ser cortado, mas também por não poder ser cortado facilmente ou de maneira adequada.

[1023a 4] Além disso, por não possuir certa coisa de modo algum; de fato, denomina-se *cego* não aquele que tem uma das vistas, mas aquele que não tem visão em nenhum dos olhos.

[1023a5] Por isso, não é verdade que qualquer um é ou bom ou mau, ou justo ou injusto, pois há também o intermediário.

## Capítulo 23

[1023a 8] “Possuir” [*echein*] se diz de muitos modos: de um modo, “conduzir” de acordo com sua própria natureza ou seu próprio impulso (por isso, se diz que a febre possui o ser humano, que os tiranos possuem as cidades – e que os que estão vestidos vestem a roupa); de outro modo, é o receptáculo em que algo está presente que se diz possuir (por exemplo: o bronze possui a forma da estátua, e o corpo possui a doença).

[1023a13] De outro modo, como aquilo que contém [*echein*] as coisas contidas: de fato, se diz que algo está contido naquilo que o contém (por exemplo, dizemos que o vaso contém o líquido, que a cidade contém homens,

e que a nau contém tripulantes; é assim, também, que o todo contém as partes).

[1023a 17] Além disso, se diz que contém [*echein*] tal e tal coisa aquilo que a impede de se mover ou fazer algo de acordo com seu próprio impulso; por exemplo: as colunas contém os pesos que lhe estão sobrepostos (como os poetas fazem Atlas conter o céu, como se ele fosse cair sobre a Terra, como também alguns estudiosos da natureza afirmam). Também desse modo, se diz que algo que mantém certas coisas juntas contém aquilo que mantém, como se cada uma fosse se separar por seu próprio impulso.

[1023a 23] “Estar em certa coisa” se diz de maneira semelhante e condizente a “ter” [*echein*].

## Capítulo 24

[1023a 26] “Provir de algo” [ou “ser *de algo*”] quer dizer, de um modo, ser a partir daquilo de que se constitui como matéria – e isso, de dois modos, ou de acordo com o primeiro gênero, ou de acordo com a última forma específica; por exemplo: de certo modo, são *de água* todas as coisas suscetíveis de fusão, mas, de outro modo, a estátua é *de bronze*.

[1023a 29] De outro modo, “provir de algo” quer dizer “provir do primeiro princípio que produziu mudança” (por exemplo: “de que proveio a briga?” “Da injúria”, porque este é o princípio da briga).

[1023a 31] De outro modo, “provir de algo” quer dizer “provir do composto de matéria e forma”; por exemplo, do todo, provêm as partes; da *Iliada*, o canto; da casa, as pedras (é que a forma é uma completude, e é completo aquilo que possui completude).

[1023a 35] Em outros casos, “provir de algo” se diz como a forma provém da sua parte; por exemplo: o ser humano provém do bípede, e a sílaba, da letra. É que isso se diz de modo diferente de “a estátua provém do bronze”: a substância composta provém da matéria sensível, mas também a forma provém da matéria da forma.

[1023b 3] Em muitos casos, a expressão se usa assim; em outros, se algum desses modos ocorre devido a uma parte; por exemplo: a criança provém do pai e da mãe; as plantas, da terra – porque provém de alguma parte deles.

[1023b 5] De outro modo, “provir de algo” quer dizer “depois de algo no tempo”; por exemplo: a noite provém do dia, a tempestade provém da bonança, porque aquilo se dá depois disto. Entre essas coisas, algumas assim se dizem por comportarem uma mudança recíproca de uma para outra (como as que foram agora mencionadas), outras, apenas pela seqüência no tempo (por exemplo: a navegação ocorreu a partir do equinócio porque ocorreu depois do

equinócio, e as Targélias ocorrem a partir das Dionisiacas porque ocorrem depois das Dionisiacas).

## Capítulo 25

[1023b 12] Denomina-se *parte*, de um modo, aquilo em que a quantidade se divide de qualquer maneira que seja (pois o que se subtrai de certa quantidade, enquanto quantidade, sempre se denomina sua parte; por exemplo: de certo modo, o dois se denomina parte do três); de outro modo, entre tais coisas, apenas aquelas que servem de medida. Por isso, de certo modo o dois se denomina parte do três, mas, de outro modo, não.

[1023b 17] Além disso, denominam-se partes de uma forma aquilo em que ela se divide, sem a quantidade; por isso, dizem que as espécies são partes do gênero.

[1023b 19] Além disso, denominam-se partes as coisas nas quais se divide ou das quais se constitui um todo (ou uma forma, ou algo que possui uma forma); por exemplo, de uma esfera ênea, ou de um cubo êneo, não só o bronze é parte (pois ele é a matéria na qual está a forma) mas também o ângulo é parte.

[1023b 22] Além disso, também se denominam partes do todo os itens presentes no enunciado que elucida cada coisa. Por isso, também o gênero se denomina parte da espécie, mas de modo diverso daquele pelo qual a espécie é parte do gênero.

## Capítulo 26

[1023b 26] Denomina-se *um todo* [ou *inteiro*] aquilo em que não falta nenhuma das partes pelas quais se denomina por natureza um todo, bem como aquilo que contém os itens contidos de modo que estes sejam um só. Isso se dá de dois modos: ou cada um dos itens é um, ou é um só o que deles resulta. De fato, o universal, isto é, o que se afirma como um todo porque é um certo todo, é universal a título de algo que contém várias coisas, por ser predicado de cada uma e porque todas elas (isto é, cada uma) são uma só coisa – por exemplo: homem, cavalo, deus, porque todos eles são seres vivos. Por outro lado, o que é contínuo e limitado se denomina *um todo*, quando há uma só coisa constituída de muitas, nela inerentes preferencialmente em potência, ou mesmo efetivamente. Entre essas coisas, as naturais é que são de tal tipo, mais que as que resultam da técnica (como dizíamos também a respeito do “um”, pois ser um todo é uma certa unidade).

[1024a 1] Além disso, dado que a quantidade possui princípio, meio e fim,<sup>1</sup> usa-se “todo” [*pan*] para os casos em que o arranjo não faz diferença; mas se usa “em seu todo” [*holon*] para os casos em que o arranjo faz diferença. Para as coisas que admitem ambos os modos, se usa não só “todo” [*panta*] mas também “em seu todo” [*bola*]. São desse tipo as coisas cuja natureza permanece a mesma com um rearranjo, embora a configuração não permaneça; por exemplo, a cera, ou um manto; de fato, usa-se “todo” e “em seu todo”, porque comportam ambos os modos. Por outro lado, usa-se “todo” [*pan*] para o número e para a água (bem como para todos os líquidos), mas não se diz “um número em seu todo” [*holon*], ou “uma água em seu todo”, a não ser por metáfora.

[1024a 8] Para todas as coisas às quais “todo” [*pan*] é aplicado como que sobre um só item, “todos” [*panta*] lhes é aplicado como se estivessem divididas: “todo número tal”, “todas estas unidades”.

## Capítulo 27

[1024a 11] Não é qualquer tipo de coisa de certa quantidade que se denomina *mutilada*, pois é preciso que ela seja um todo fragmentável em partes. De fato, coisas duplas não são mutiladas se uma das duas é subtraída (pois a parte mutilada e a restante jamais são iguais), tampouco número algum é mutilado, pois é preciso que a essência permaneça: se uma xícara é mutilada, ela ainda deve ser uma xícara; um número, porém, não mais é o mesmo.

[1024a 16] Além disso, nem sequer todas as coisas de partes dessemelhantes se denominam mutiladas (de fato, também o número, de certo modo, tem partes dessemelhantes, por exemplo, o dois e o três). Em geral, não se denomina mutilada coisa alguma cujo arranjo interno não faz diferença (por exemplo, água ou fogo), mas é preciso que sejam tais que tenham arranjo interno por sua essência. Além disso, é preciso que sejam contínuas, dado que a consonância se constitui de partes dessemelhantes e comporta arranjo interno, mas não vem a ser mutilada.

[1024a 22] Além disso, não é pela privação de qualquer parte que coisas que são um todo são mutiladas – pois é preciso que a parte não seja decisiva para sua essência e esteja em certo lugar determinado. Por exemplo: se a xícara estiver furada, não é mutilada, mas sim se lhe faltar uma asa ou uma extremidade; e o ser humano é mutilado não se lhe faltar a carne ou o baço, mas se lhe faltar alguma extremidade, e não qualquer extremidade, mas uma que, subtraída como um todo, não tem regeneração (por isso, os carecas não

---

<sup>1</sup> Lendo a lição dos códices EJ, que omitem 'δέ'.

são mutilados).

## Capítulo 28

[1024a 29] Fala-se de *gênero* quando é contínua a geração de coisas que possuem a mesma forma, por exemplo, se diz “enquanto existir o gênero dos seres humanos”, ou seja, enquanto houver uma geração contínua deles.

[1024a 31] De outro modo, denomina-se um gênero a partir de um primeiro que iniciou o movimento em direção ao ser: de fato, é assim que os Helenos e os Jônicos se denominam *gênero*, porque os primeiros são provenientes de Heleno, os segundos, de Íon, como primeiro que os gerou. E assim se denominam mais a partir do genitor do que a partir da matéria (é que também a partir do feminino se denomina um gênero, como os provenientes de Pirra).

[1024a 36] Além disso, denomina-se *gênero* como o plano é gênero das figuras planas, e como o sólido é gênero das figuras sólidas; de fato, cada figura é um plano de tal e tal tipo, ou um sólido de tal e tal tipo – e isso é o que subjaz às diferenças.

[1024b 4] Além disso, denomina-se *gênero* o primeiro item inerente nas definições, o qual se afirma no “o que é”, e cujas qualidades se denominam diferenças.

[1024b 6] Assim, “gênero” se usa de todos esses modos: de acordo com a geração contínua de uma mesma forma, de acordo com o primeiro item de mesma forma que iniciou o movimento, ou a título de matéria. De fato, aquilo a que pertencem a diferença e a qualidade é o subjacente, o qual chamamos de matéria.

[1024b 9] Denominam-se *distintas em gênero* as coisas cujos subjacentes primeiros são distintos, bem como as que não se resolvem uma na outra, nem ambas em uma mesma coisa; por exemplo: a forma e a matéria são distintas em gênero, bem como as coisas que se dizem em distintas categorias do ser (pois algumas significam, entre os entes, *o que é*, outras querem dizer *de certa qualidade*, outras significam do modo como foi antes delimitado); de fato, essas coisas não se resolvem uma na outra, nem em algo único.

## Capítulo 29

[1024b 17] “Falso” se diz, de um modo, a título de coisa falsa: por um lado, por não estarem compostas ou por ser impossível que se componham (como se diz a diagonal ser comensurável e tu estar sentado; de fato, o primeiro é sempre falso, o segundo, em certo momento, pois é assim que tais coisas não são o caso); por outro lado, as coisas que, de fato, são reais, mas naturalmente aptas a aparecer *não* tais como são, ou aptas a aparecer como

aquilo que não são (por exemplo, a pintura de sombras e os sonhos: tais coisas são algo, mas não são aquilo cuja aparência instilam). É desse modo, portanto, que se diz que as coisas são falsas: ou porque elas mesmas não são o caso, ou porque a aparência que resulta delas é de algo que não é o caso.

[1024b 26] Já a descrição falsa é aquela que, enquanto falsa, é de coisas que não são o caso. Por isso, toda descrição falsa é de uma coisa diversa daquela da qual há descrição verdadeira (tal como a descrição do círculo é falsa a respeito do triângulo). De cada coisa, de certo modo há uma única descrição, a do “aquilo que o ser é”, mas, de outro modo, há várias – dado que, de certa maneira, a própria coisa e ela mesma com certa modificação são o mesmo, por exemplo, Sócrates e Sócrates musical (mas a descrição falsa não é descrição de coisa alguma, sem mais).

[1024b 32] É por isso que Antístenes pensou ingenuamente, ao exigir que nada fosse denominado a não ser por sua descrição própria, uma só sobre uma só coisa – donde decorreria não ser possível contra-argumentar, nem sequer dizer algo falso. No entanto, é possível descrever cada coisa não apenas pela descrição que lhe pertence, mas também pela de outra coisa: às vezes, de modo inteiramente falso, mas, às vezes, de modo realmente verdadeiro; por exemplo: denominar o oito como “dobro”, pela descrição do dois.

[1025a 1] Tais coisas se denominam falsas desse modo. Por outro lado, denomina-se falso o ser humano que se compraz com enunciados desse tipo e os escolhe, não em virtude de outra coisa, mas em virtude disso mesmo, bem como o ser humano que instila em outros esse tipo de enunciado – assim como dizemos serem falsas as coisas que instilam aparências falsas. É por isso que se enrosca o argumento no *Hípias*, de que é o mesmo ser humano que é falso e verdadeiro: ele assume como ser humano falso o que é capaz de dizer coisas falsas (e este é aquele que sabe e é sensato), e, além disso, assume que é melhor aquele que voluntariamente se pronuncia mal. Assume essa falsidade por indução – é que quem manca voluntariamente é melhor do que quem manca involuntariamente – tomando “mancar” como “imitar”, dado que, se alguém fosse voluntariamente manco, seria certamente pior, como no caso do caráter.

### Capítulo 30

[1025a 14] Denomina-se *concomitante* aquilo que, de fato, se atribui a uma coisa e é verdadeiro afirmar, embora não necessariamente, nem no mais das vezes; por exemplo, se alguém, cavando um buraco para uma planta, encontra um tesouro. De fato, isso, encontrar o tesouro, ocorre como concomitante para quem cava o buraco – pois uma coisa não se dá a partir da outra ou depois da outra necessariamente, tampouco é verdade que, no mais

das vezes, se alguém planta, encontra um tesouro.

[1025a 19] E alguém musical pode ser claro; no entanto, dado que isso não ocorre nem necessariamente, nem no mais das vezes, denominamo-lo concomitante.

[1025a21] Por conseguinte, dado que há algo que se atribui a certa coisa, e dado que algumas delas se atribuem em certa circunstância e em certo instante, é concomitante aquilo que, de fato, se atribui a certa coisa, mas não porque ela era tal e tal (ou agora, ou em tal circunstância).

[1025a 24] Além disso, não está determinado o que é causa daquilo que é concomitante, mas é uma coisa qualquer que ocorra, e isso é indefinido. Ir a Egina sucedeu como concomitante a alguém, se lá chegou não por isso – para que lá fosse –, mas impelido por uma tempestade ou capturado por piratas. O concomitante, de fato, veio a ser e é o caso, mas não na medida em que é ele mesmo, mas enquanto outra coisa: a tempestade é que foi a causa de ir para onde não navegava, isto é, para Egina.

[1025a 30] Algo se denomina concomitante também de outro modo, a saber: aquilo que se atribui a cada coisa em si mesma, mas que não está em sua essência; por exemplo, para o triângulo, comportar dois ângulos retos. É cabível que estes últimos sejam eternos, mas, entre aqueles, nenhum. A explicação disso está em outras discussões.

Recebido: Outubro/2018

Aprovado: Dezembro/2018

e-mail: angioni.lucas@gmail.com